

AGOSTO/SETEMBRO 2023

BROTÉRIA

CRISTIANISMO E CULTURA

CADERNO CULTURAL

- | | | | |
|-----|--|-----|---|
| | Legómena | | RECENSÕES |
| 211 | ONDE DESCANSO O OLHAR
Tânia Oliveira Pires | | |
| | Cinema | | Arquitetura |
| 213 | MAL VIVER E VIVER MAL
Carlos Capucho | 233 | RICARDO AGAREZ
A CONSTRUÇÃO DO ALGARVE
Leandro Arez |
| | | | História |
| 215 | RABO DE PEIXE
João Miguel Ramos | 235 | MARIA DE LURDES CALDAS
ANTÓNIA PUSICH:
UMA MULHER INVULGAR
Armando Malheiro da Silva |
| | Teatro | | Literatura |
| 216 | SUÉCIA
Maria Alves da Silva | 235 | HERNÁN DÍAZ
CONFIANÇA
Martinho Lucas Pires |
| 216 | DA FELICIDADE
Manuela Marques | | |
| | Série | 236 | SIMÃO LUCAS PIRES
A TROMBETA VAGA
João Salazar Braga |
| 218 | JOE PERA TALKS WITH YOU
Mafalda Correia | | |
| | Exposições | | Religião |
| 220 | ESTRANHA
É A REPETIÇÃO DO GESTO
Joana Bértholo | 237 | FABRICE HADJADJ
RESSURREIÇÃO
Andreas Lind SJ |
| 221 | FABRIQUETA
Álvaro Domingues | 238 | AURA MIGUEL
UM LONGO CAMINHO
ATÉ LISBOA
Lívia Franco |
| | Ensaio Visual | | |
| 223 | GRAÇA
Elisa Azevedo | 240 | Na Brotéria
POESIA NO BAIRRO
Tanque |

RECENSÕES

ARQUITETURA

AGAREZ, Ricardo
A CONSTRUÇÃO DO ALGARVE
ARQUITETURA MODERNA,
REGIONALISMO
E IDENTIDADE NO SUL DE
PORTUGAL, 1925–1965

408 PÁGS., DAFNE EDITORA, 2023 (30€)

A Construção do Algarve é o livro decorrente da adaptação e tradução da tese de doutoramento do arquiteto Ricardo Agarez, publicada previamente como *Algarve Building — Modernism, Regionalism and Architecture in the South of Portugal, 1925–1965*. Esta edição urgente vem aumentar consideravelmente o alcance da investigação ao reuni-la com a língua nativa da matéria trabalhada. Traz ainda uma lufada de ar fresco (ou, se quisermos, uma brisa costeira), tanto ao modo como o Algarve é visto e representado dentro dos círculos intelectuais, como à forma crítica como a historiografia da arquitetura pode, e deve, ser feita.

Durante a apresentação do seu livro, na Fundação Calouste Gulbenkian em maio deste ano, Agarez confessou à audiência: contrário ao que se esperaria, não é algarvio. No entanto, desde muito cedo na sua vida que veraneou com regularidade na região, o que permitiu, como nos contou, tornar-se um *algarvio dos sentidos*. Partilhando memórias dos lugares e paisagens em rápida transformação que frequentou na infância, o autor apresentou-nos um relato vívido e realista, recordando as pitorescas paisagens, tanto pelo seu encanto, como pela sua precariedade, atentando que, até muito tarde, quem frequentasse as praias do Algarve teria de fazê-lo em zonas infraestruturalmente precárias, sem sistemas de saneamento ou passeios. Claro que este facto não diminuía a alegria nos episódios que o

autor partilhou, como quando se infiltrou no Clube Praia da Oura para observar a fabulosa janela do bar para o interior da piscina do complexo: «O zénite da sofisticação, melhor que ver televisão».

Neste livro, Agarez recua algumas décadas atrás das suas memórias e revela-nos uma dupla história da construção. Por um lado, a construção no sentido mais literal das tecnologias e indústrias de desenvolvimento do espaço edificado, entre as quais a arquitetura — construção *no* Algarve; por outro, a construção identitária regional batalhada e debatida durante a primeira metade do século XX em torno das políticas identitárias do Estado Novo — construção (*da identidade*) do Algarve. A investigação situa-se precisamente nos cruzamentos entre estes dois temas que se viveram com particular intensidade na região.

O autor já tinha anteriormente captado a minha atenção, não só por também eu ser arquiteto e (de facto) algarvio (dos sentidos e do resto), mas principalmente por outros trabalhos prévios seus: desde cedo que Agarez demonstra um olhar afinado e um método profundo e rigoroso. Influenciado pela sua passagem pela Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, num período de expansiva atividade de inventariação, o autor mostra-se extremamente confortável com o trabalho arquivístico e a sua investigação acusa-o. Norteador por um foco em fontes primárias, Agarez habilidosamente tece uma rede de informações, articulando relatos de viagem, artigos de jornal, documentos oficiais, processos de licenciamento e trocas de correspondência numa complexa tapeçaria desta dupla narrativa.

Começando pelos relatos de viagem e seguindo para os registos etnográficos e geográficos, o autor faz uma gradual aproximação ao território e à maneira como a identidade construída algarvia tem sido, histórica e recorrentemente, reduzida a Olhão de maneira superficial e pitoresca. A imagem protomodernista da Vila cubista exótica (como veio a ser propagandeado, «Algarve, o céu da Europa, o mar da África») tinha um determinismo

conveniente para a criação de uma identidade distinta e definida. Foi o estereótipo usado pelo Estado Novo para promover a região tanto na Exposição Internacional de Paris (1937), como na Exposição do Mundo Português (1940): na primeira, como uma pintura mural de um genérico conjunto de açoteias e escadas, pontuados de pequenas fenestraçãoes; na última, uma folia à escala real, um turbilhão de características arquitetónicas regionais, quase caricatural.

Cedo na introdução, Agarez estabelece uma distinção: por oposição a falar de arquitetura, propõe-se a falar de “práticas construtivas”, trazendo para o âmbito do discurso atores como engenheiros, construtores, técnicos e desenhadores, omnipresentes, largamente ignorados pela historiografia convencional da arquitetura. Evidenciando a «necessidade de a história da arquitetura ultrapassar as limitações do cânone» [p.10], a sua postura ambiciona pôr em causa narrativas “empoeiradas”, contestando temas caros à história da arquitetura moderna dita ortodoxa, nomeadamente o papel dos jovens arquitetos.

Afinal, a dita batalha dos conservadores do regime que travavam o inevitável progresso trazido pelas mãos dos novos arquitetos revolucionários, não terá sido assim tão linear. No decorrer da leitura, conhecemos projetos presumidos regionalistas que foram reprovados pelas autoridades locais, e até por arquitetos conservadores que “tiraram notas”, experimentando ideias trazidas pelos seus colegas mais jovens e partilhando a autoria dos projetos. Durante o debate entre o preto e o branco, a construção prosseguia em cinzento, independente de debates institucionais, disciplinares ou académicos, e é aí que se observam alguns dos exemplares mais intrigantes de uma arquitetura híbrida, que prolifera na região pelas mãos de engenheiros ou desenhadores. Mais ainda se poderá constatar o papel que estes tiveram na consagração de figuras maiores da arquitetura moderna no Algarve.

Partilho ainda um ponto avançado

pelo autor, que me deixou bastante curioso, relativamente à origem da encomenda dos projetos mais ousados: na sua análise revelou-se recorrente a encomenda provir de algarvios que haviam emigrado e que, retornados à sua terra natal mais abastados, desejavam os modelos modernos associados aos padrões de sucesso encontrados nos países que permitiram a sua escalada social e económica em vez dos modelos arquitetónicos locais, associados a escassez e pobreza. Esta visão alargada, mostra que, para além do desejo dos arquitetos, esta arquitetura era difundida porque era “querida por alguém, era encomendada, era mandada fazer [e] era paga.”.

Magistralmente, Agarez conclui este compêndio comparando o conturbado desenvolvimento da identidade arquitetónica (eventualmente moderna) no Algarve ao processo de enxertia: em que nas bases regionais (a cepa) «profundamente enraizadas» [p.383], o modernismo (o enxerto) é progressivamente inserido resultando num «híbrido rico, especificamente regional» [p.383]. Os seus argumentos ganham uma força particular na recusa em arrumar ordeiramente os difíceis temas trabalhados e antes assumindo-os como orgânicos e mutáveis. Aliando uma investigação meticulosa a uma análise crítica séria e sensível, Agarez retrata as complexas dinâmicas de produção do ambiente construído, as relações de poder entre os seus inúmeros atores, e as suas expressões no território, de maneiras profundas e cativantes, expandindo o nosso entendimento do que poderá ser uma identidade arquitetónica algarvia ao confrontar-nos com a história que ainda não havia sido escrita — até agora.

— Leandro Arez